
RELIGIÃO E DIVERSIDADE

SOCIOCULTURAL

A sociologia da religião mostrou a profunda relação entre religião e sociedade. O sagrado é expressão antropológica, que, na sua dimensão social, contribui na definição da identidade, do *ethos* e das relações fundamentais dos grupos sociais. Mas, as relações que se constroem com o sagrado são diferentes, específicas e respondem a buscas e finalidades diversas. A religião pode representar, para grupos e sociedades, o instrumento que garante seu espaço, legitima sua existência, constroi sua identidade, afirma sua própria visão de mundo e de realidade, define seu *ethos*, normatiza sua vida, etc. Nisso, a religião é intimamente ligada à cultura específica da sociedade. Quando, porém, a religião se institucionaliza, sua tendência é de se universalizar, buscando o apoio e a aliança dos grupos sociais dominantes. Desta forma, ela se consolida como “religião oficial”. Mesmo assim, há outros espaços religiosos, outras relações com o sagrado, naquele que chamamos de “religiosidade popular”, em que as minorias sociais, portadoras de alternativas culturais, políticas e sociais, encontram seu espaço e a oportunidade de sua legitimação social.

Este número da revista Caminhos 2007/1 tem como tema Religião e Diversidade Sociocultural. As ciências sociais têm se voltado, nas últimas décadas, para o estudo das minorias sociais, que, geralmente, se caracterizam pela diversidade cultural. Olhar para esses grupos significa resgatar vozes e experiências reprimidas como perigosas ou tachadas de heréticas porque portadoras da diversidade. A revista Caminhos quer entrar neste debate e mostrar que “o ou-

tro lado”, “a mão esquerda”, o que foi rejeitado como desprezível e demoníaco, vêm questionar o monolítismo social e o dogmatismo e integrismo religiosos. Uma religião tolerante e plural, num contexto de diálogo intercultural, será elemento indispensável para uma sociedade que queira trilhar o caminho da paz, do respeito e da valorização das diversidades e, portanto, das minorias sociais.

A revista apresenta onze artigos, que, mesmo abordando temáticas diferentes, se reconhecem no eixo comum do diálogo entre religião e cultura. Os primeiros dois artigos, de caráter mais geral, enfocam os desafios da sociedade global.

Marià Corbí, diretor do Centre d'Estudi de les Tradiciones Religioses de Barcelona, (CETR) em seu trabalho “Crisis de las grandes religiones y resurgimiento de la espiritualidad”, trata do tema da crise da religião na sociedade pós-moderna. O autor compara as sociedades por ele definidas como estáticas (a dos caçadores e recolhidores, dos agricultores primitivos, dos plantadores, dos criadores de gado, o cristianismo helênico) e que precisavam dos mitos e da religião como sistema de programação do pensar e sentir coletivos, com as sociedades industriais e dinâmicas, onde a ciência e a ideologia substituíram os mitos, que representavam os elementos de sustentação e de subsistência da religião. Na conclusão, Corbí descreve a tendência da sociedade pós-moderna de viver sem religião, mas reafirma a necessidade de se encontrar uma nova espiritualidade, independente da narrativa mítica e da religião, e que venha ao encontro da busca do homem pós-moderno.

Cristina Patriota de Moura, em “Multiculturalismo e capacidade imaginativa no domínio da religião”, trabalha o conceito da pluralidade cultural e das diferenças, características marcantes das sociedades globalizadas. Por multiculturalismo a autora entende a necessidade de acomodar outras concepções e outras práticas, diferentes daquelas dos grupos hegemônicos que idealizaram o univeralismo, mas, ao mesmo tempo, colonizaram e oprimiram outros grupos, muitas vezes menosprezando suas práticas e visões de mundo. Pensar a complexidade do mundo atual e reconhecer a diversidade de pontos de vista e interpretações da realidade, significa a capacidade de imaginar também uma transcendência que não seja nem sectária nem homogeneizante.

Os demais artigos deste número da revista Caminhos tratam de específicas diferenças sócio-culturais. O tema do espaço religioso é objeto de reflexão dos próximos dois artigos.

Valéria Gomes Costa, no seu artigo Nação Xambá: memória, configuração familiar e territorialização de espaços, demonstra como para um grupo socialmente minoritário e excluído o terreiro se torna espaço e instrumento de afirmação de sua própria identidade. O Terreiro em questão é o de Santa Bárbara – Nação Xambá, que se localiza geograficamente no Portão do Gelo, no bairro de Beberibe, em Olinda/PE. Ao redor da Mãe-de Santo Mãe Biu, na sua posição de Ialorixá, e da territorialização dos espaços físicos, as famílias vão se reestruturando e reconstruindo nas relações sociais e de grupo. A partir das novas necessidades, novos espaços religiosos vão adquirindo relevância simbólica de acordo com suas características físicas ou funcionais. Desta forma, o terreiro se constitui como espaço de ressignificações sociais, culturais e políticas das pessoas, organizadas em famílias consangüíneas e não consangüíneas, mas que configuram sua identidade de grupo étnico-religioso.

Ricardo Luiz de Souza, em As Festas Cristãs e os Sentidos da Renovação, quer refletir sobre os significados e sentidos das festas cristãs, no sentido de renovação da vida, renovação da vida, do tempo e da natureza, mas, lugar de gasto dos excedentes, momento de propaganda religiosa e fortalecimento da hierarquia social ou resgate de uma visibilidade social que, no caso por exemplo da mulher, era no tempo comum reprimida. As festas religiosas são manifestação de poder que se expressa no controle do ritualismo e do tempo sagrado. Nas festas, poder civil e religioso estão unidos. As festas religiosas foram lugar de zombaria, crítica, e nelas era permitido fazer o que era proibido no tempo comum, como dançar. De um lado, elas são expressão da ação institucional e de interesses políticos e sociais; do outro podem ser usadas também para contestar a ambos. São fenômenos socioreligiosos que devem, portanto, ser compreendidos a partir de seus múltiplos sentidos e significados, mas que possuem, em sua base, a idéia de renovação.

Nos próximos dois artigos, se reflete sobre dois temas polêmicos, relacionados às religiões afro-brasileiras: o tema do mal, na quimbanda e o do sacrifício de animais.

Sullivan Charles Barros, em A Simbólica da Violência e da Transgressão no Universo da Quimbanda, trata da Quimbanda. A quimbanda, expressão esquerda, ou oposta da umbanda, operando exclusivamente com espíritos imperfeitos, se atribui a prática do mal e da magia negra. Suas referências são as simbólicas (ou “diabólicas”)

dos exus e das pombas-giras (entidades espirituais que pertencem ao universo da quimbanda) e que constituem o cerne principal de sua sustentação e legitimação. Do ponto de vista social, os exus representam os estereótipos dos malandros, enquanto que as pombas-giras são associadas às prostitutas ou às mulheres de conduta moral condenável e de sexualidade libertina, vistas, na ótica cristã, como ameaça à vida doméstica e familiar. Eles representam o “outro lado” da civilização, o lado marginal, caótico e ambíguo, aquele que deve ser eliminado, esquecido. Afinal, a quimbanda é expressão do povo da rua (a massa anônima que circula pelas cidades, os trabalhadores, os vagabundos, os malandros, os gigolôs, as prostitutas, etc.), da contracultura reprimida, que, a partir de seus rituais, busca exprimir sempre o desejo total de libertação.

Marcelo Tadvald, em *Direito Litúrgico, Direito Legal: a Polêmica em torno do sacrifício ritual de animais nas religiões afro-gaúchas*, levanta uma interessante questão: discute a polêmica surgida no Rio Grande do Sul depois da aprovação do Código Estadual de Proteção aos Animais, em 2003, que colocou em risco o livre exercício de certas práticas religiosas relacionadas ao sacrifício ritual de animais, praticado em algumas religiões de matriz afro-brasileira. O autor destaca que o problema de fundo, mais uma vez, é ainda o preconceito e o estigma que as religiões afro-brasileiras possuem na sociedade brasileira. Por terem sido trazidos pelos escravos durante o período colonial, esses cultos foram sempre percebidos pela sociedade “letrada” e formadora de opinião como primitivos, arcaicos, formas rasas de feitiçaria e até mesmo como doença.

Nos três artigos que se seguem, levantam-se questionamentos sobre identidades e práticas específicas de grupos religiosos na pós-modernidade.

Sergio Dantas, em *Processos Interculturais de Identidade Religiosa: o mundo Fulni-ô*, procura desvendar a complexa relação inter-religiosa que envolve o mundo indígena Fulni-ô e o catolicismo popular, o cristianismo oficial e diversas outras religiões mundiais, como judaísmo, islamismo, budismo e bahaísmo. Demonstra como a inter-religiosidade e a transculturalidade podem se tornar espaço de legitimação da alteridade, através da superação da ideologia etnocêntrica e do diálogo transubjetivo e transcultural.

Rodrigo Portella, em seu artigo *Toca de Assis e Juventude: uma surpreendente identidade católica contemporânea*, apresenta um novo movimento cristão, a Toca de Assis, que, tendo como suas referên-

cias o movimento franciscano e a Renovação Carismática Católica, se engaja de forma extremamente radical na assistência ao povo de rua. Trata-se de um grupo contra-cultural, que tem como características marcantes de seu *ethos*: a renúncia, o ideal de pobreza radical, num estilo de vida livre de compromissos sociais convencionados. A Toca pode ser comparada, enquanto grupo contra-cultural, ao molde dos *hippies* ou movimentos similares surgidos nas décadas de 1960 e 1970. Mas ela apresenta também características dos movimentos milenaristas, como a renúncia a bens materiais e o afastamento do “mundo”, a negação da racionalidade, das opiniões próprias, das planilhas de planejamento, em favor da idéia de providência divina. Do outro lado, porém, o autor destaca o elemento pós-moderno presente nos jovens que se engajam numa experiência deste tipo, com seu forte apelo identitário, oferecendo uma fuga à mesmice, à massificação, à rotina do cotidiano, em troca de uma personalidade forte, uma identidade clara, uma referência afetiva indiscutível, numa interessante mistura de elementos tradicionais com outros de caráter pós-moderno.

Marília G. Ghizzi Godoy e Gilberto Baptista Castilho em Representações da Cura e da Doença nas Novas Religiões Japonesas: a Igreja Messiânica Mundial e a Seicho-No-Ie, discutem os valores fundamentais que regem as Novas Religiões Japonesas, a sua expansão e enraizamento na cultura brasileira e suas representações simbólicas e terapêuticas relativas à saúde. As novas religiões japonesas (NRJs), ao se incluírem no cenário religioso brasileiro, introduziram uma visão de mundo e de compreensão do homem que manifestam sua singularidade sobretudo em relação à doença e seus meios de cura religiosos. De acordo com essas religiões, doenças e problemas podem surgir devido à influência maligna dos antepassados falecidos, gerando fatos infelizes para seus descendentes. Através de cerimônias, os antepassados receberiam energias que possibilitam um meio de transmutação de influências, antes perniciosas, em benéficas. Estaria assim justificada a necessidade de culto às almas das pessoas falecidas para proporcionar a purificação dos espíritos delas. No caso da Seicho-No-Ie, a cura se obtém pela purificação e espiritualização dos corpos, fruto da ação de Deus na pessoa.

Por fim, apresentamos dois artigos relacionados, o primeiro, à recepção da Bíblia em terras brasileiras e, o segundo, à polêmica em relação ao templo judaico, no I séc. de nossa era.

Pedro Lima Vasconcellos, em *A Bíblia no Brasil: alguns fragmentos históricos*, analisa a recepção da Bíblia na realidade brasileira. A Bíblia exerceu papel decisivo na constituição da história do Brasil. Foi instrumento nas mãos dos conquistadores, ao longo de quinhentos anos, na tentativa de colonizar o imaginário, redesenhando os contornos da terra, das pessoas, dos ares, dos embates e das conquistas. Mas, elementos de origem bíblica serviram também na constituição dos movimentos brasileiros de alternativas sócio-religiosas, como o de Antônio Conselheiro, do Contestado e do Pau de Colher, entre outros. Afinal, as leituras bíblicas podem dar origem a protesto e elaboração de alternativas, como servir para legitimar posições e poderes.

Luigi Schiavo, em *Templo de Deus ou Templo de Demônios? História e conflitos ao redor do templo judaico*, analisa o simbolismo e a importância do templo na religião judaica. O templo de Jerusalém não foi sempre unanimidade. Pelo contrário, a partir da época asmonea, o grande poder adquirido pelos sacerdotes gerou conflitos e rivalidades entre grupos sociais. Mas será sobretudo no I séc. d.C. que a crítica ao templo se fez mais acirrada, sendo ele rejeitado e comparado a um lugar de demônios, num antigo texto pseudepígrafo do I séc. d.C., o Testamento de Salomão, que será retomado por Jesus e pelo cristianismo das origens.

Finalizando a revista, a seção de resenhas traz a contribuição do aluno do Programa, já Mestre, Celmo Antônio de Araújo, sobre o livro *Anjos e messias: messianismos judaicos e origem da cristologia*, do Prof. Dr. Luigi Schiavo.

Após a resenha, serão apresentados os resumos das dissertações defendidas no período de 2006/2.

Por último, colocamos a produção intelectual, relativa ao mesmo período, do corpo docente do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Ciências da Religião da UCG.

Luigi Schiavo
Editor